GOODY, Jack. *Renascimentos: um ou muitos?* Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011, 373p.

Elaine Cristina Senko
Doutoranda em História
Universidade Federal do Paraná

● **Enviado em: 19/11/2011**
● **Aprovado em: 01/12/2011**

Jack Goody (1919-) é um renomado antropólogo inglês, autor de diversos livros que debatem, do ponto de vista da antropologia, sociologia e também da história, aspectos da cultura e das relações sociais construídas e desenvolvidas no Ocidente. Porém, as discussões sobre o Oriente têm assumido, desde pelo menos 2004 quando publicou seu livro "*O Islã na Europa*"[1], um papel de grande destaque nas reflexões do autor, fato que se comprova por sua mais recente publicação, "*Renascimento: um ou muitos?",* traduzido ao português no presente ano, 2011, por Magda Lopes pela Editora da Unesp.

A proposta central desta obra é apresentar ao leitor, através de uma análise comparativa, a idéia de que vários "renascimentos" ocorreram em outras culturas, para além da famosa renascença italiana. De fato, Goody ressalta a importância das culturas bizantina, islâmica, judaica, indiana e chinesa para o "impulsionamento" das atividades eruditas no Ocidente Medieval, tendo em vista um gradual processo de trocas culturais. No Capítulo 1 da obra, intitulado "*A idéia de um renascimento"*, Goody apresenta a linha de sua argumentação crítica: "Todas as sociedades estagnadas requerem algum tipo de renascimento para voltarem a se mover, e isso pode implicar um olhar retrospectivo sobre épocas anteriores (a Antiguidade, no caso da Europa) ou outro tipo de florescência. Esse é o meu polêmico pano de fundo. Não vejo o Renascimento italiano como a chave para a modernidade e para o capitalismo"[2]. No pensamento do autor, a perspectiva de "resgate aos clássicos", uma marca da renascença italiana, ocorreu também em outras culturas, apresentando formas e intensidades específicas. Ao mesmo tempo, os exercícios intelectuais desenvolvidos em cada respectivo grupo social poderiam se transladar para outros por meio de atividades como o próprio comércio, prática que segue ritmos particulares também. O renascimento cultural, portanto, teria suas motivações e implicações tanto em fatores internos como externos.

---

1 GOODY, Jacky. *Islam in Europe.* Cambridge: Polity Press, , 2004, 178p.
2 GOODY, Jack. *Renascimentos: um ou muitos?* Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p.11.

No Capítulo 2, "*Montpellier e a medicina na Europa"*, sob um olhar em micro-escala, Goody traça a importância do pensamento islâmico e judaico no avanço da medicina, desde o século VIII, em ambiente europeu. Nas palavras de Goody, "o caso da medicina mostra o tamanho da dívida da Europa com seus vizinhos islâmicos no que diz respeito à ressuscitação da investigação científica"[3]. Tal questão, aliás, é mais bem esclarecida no Capítulo 3, "*A religião e o secular"*, momento em que o autor indica um panorama de dificuldades do Ocidente europeu na tentativa de desvincular a fé da razão. Goody, no entanto, indica que ocorreu no cristianismo ocidental uma renascença no século XII e que esta foi estimulada pela produção na Andaluzia[4], importante reduto da intelectualidade islâmica. No Capítulo 4, "*Renascimento no Islã",* Goody, ao lado de S. Fennel, delineia o modo como a produção intelectual no Islã se desenvolveu, alcançando seu auge com os abássidas no século IX, principalmente sob o governo de Harun al-Rashid. Para o Islã Ocidental, Goody ressalta justamente a importância da Andaluzia: "No século XII, na Espanha e na Andaluzia, as duas 'civilizações' estavam intimamente interligadas, o Oriente contribuindo significativamente para o Ocidente"[5]. Nessa trajetória de freqüentes contatos, o autor destaca a importante participação de vários eruditos, a exemplo de Averróis, o qual teria afetado a Europa por meio de seus profundos estudos aristotélicos.

O Capítulo 5, "*Emancipação e florescência no judaísmo"*, por sua vez, volta-se ao debate sobre a importância da erudição de matriz semítica e abraâmica para o universo das trocas culturais. Salientamos que, no pensamento do autor, a cultura judaica sofrerá transformações principalmente a partir de um movimento de dentro para fora, tendo em vista certa resistência para com contatos exteriores. No Capítulo 6 e 7, respectivamente, "*Continuidade cultural na Índia"* e "*Renascimento na China",* ambos novamente com a parceria de S. Fennel, Goody destaca o elemento de gradual continuidade no que se refere ao desenvolvimento erudito para o ambiente indiano e chinês. De fato, o autor defende a idéia de uma continuidade cultural na Índia, sem rupturas da fé e do secular, tal como ocorreu no Ocidente Medieval. No entanto, destaca para essa região os sérios conflitos de segregação hinduísmo/islamismo, que sem dúvida afetaram a produção cultural. Por sua vez, Goody entrevê que a China do confucionismo desempenhou um perene florescer nas artes e no desenvolvimento "tecnológico". Na China, segundo o autor, "ainda que em alguns contextos os deuses tenham florescido – assim como no budismo, até ser parcialmente reprimido em torno de 843-845 -, o confucionismo significou um olhar retrospectivo para um programa secular ou para uma conduta pessoal e social"[6].

---

3 GOODY, Jack. *Renascimentos: um ou muitos?* Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p.67.
4 GOODY, Jack. *Renascimentos: um ou muitos?* Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p.77.
5 GOODY, Jack. *Renascimentos: um ou muitos?* Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 133.
6 GOODY, Jack. *Renascimentos: um ou muitos?* Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p.236.

Fechando seu livro, o último capítulo, intitulado "*As renascenças foram apenas européias?",* retoma e reforça sua tese acerca de uma dinâmica das trocas culturais desenvolvidas entre cristãos e islâmicos, cátaros do sul da França e judeus, judeus andaluzes e islâmicos, indianos hindus com os persas antigos, e dos chineses para com o pensamento racional confucionista. Ademais, Jack Goody conclui que todas as sociedades "dotadas de escrita – habilidade que foi importante para comerciantes, administradores, intelectuais e clérigos – olharam retrospectivamente para o que foi realizado em períodos anteriores, e esse olhar foi seguido algumas vezes de uma salto para a frente [...]. Todas as sociedades letradas olharam para trás, quer para textos religiosos, quer não"[7].

Jack Goody de forma alguma nega a importância da revivência cultural italiana em meados dos séculos XV e XVI, apenas pondera e relativiza tal fenômeno; de fato, na perspectiva do autor, o termo "renascimento" é entendido como um conceito, o qual compreende a idéia de um florescimento cultural e erudito que se vê realizado, principalmente, a partir de um olhar introspectivo ao passado e de um processo de trocas e transferências culturais, o qual poderia se manifestar em diferentes grupos sociais pelo mundo, a exemplo do Oriente. Assim, apresentamos aqui um convite à leitura da obra de Jack Goody, um trabalho que certamente contribui para o engendrar de novas reflexões e problematizações no âmbito não apenas da antropologia, mas também da historiografia.

[7] GOODY, Jack. *Renascimentos: um ou muitos?* Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p.319.